nomia: saberes necessários à prática educativa.30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBÉRNON. Francisco. A Educação no Século XXI: Os Desafios do Futuro Imediato. Trad. ROSA, Enani- Dados eletrônicos – Porto Alegre, Artmed, 2008.

LDBEN. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Lei 9394/96, de 20 de novembro de 1996.

MARINHO, Hermínia Regina Bugeste [et al.]. Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade. 2.ed. – Curitiba: Ipbex, 2007.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar Editores,1975.

GÓGOL:

UM ESTILO RUSSO DE SER

ELISABETH KLINGOHR GARCIA

RESUMO

Estudo das oscilações de sentido as quais conduzem o leitor ao reconhecimento da identidade do estilo de Gógol. Investigar a matéria russa que permeia e constitui o estilo gogoliano e desvelar quais são os principais índices autorais desse estilo perceptíveis na obra em análise. Como método estudar os elementos socioculturais russos que envolvem e permeiam o texto gogoliano, a partir da perspectiva de Berman (1983).

PALAVRAS-CHAVE: Estilo Gógol; Berman; Gogoliano; Autoria russa; Literatura russa.

INTRODUÇÃO

"O estilo é o homem"

Buffon

"Para reconhecer um estilo, o olhar analítico identificará a recorrência do que é dito, circunscrita a um fato formal, que supõe a constância de uma estrutura"

Norma Discini

Na promoção da literária da Rússia, difundiu-se que os seus literatos constituíam uma forma estilística própria (Cf. NABOKOV, 2009) – em alguns casos, classificada como incomum (Cf. VOGÜÉ, 1888). Considerando esse fato, surge a questão: o que é o estilo russo? Será o algo-mais acrescido à expressão corrente da língua, que só é possível devido à magnificência do russo como supõe Mikhail Lomonosov, em sua Gramática Russa (Rossiyskaya grammatika, 1755)? Será o belo e o raro desviantes de uma norma como sugere Paulo Chostakowsky, em sua História da Literatura Russa?

Propostas como essas se baseiam em um princípio de exclusão a partir de um procedimento comparativo, isto é, cotejando a obra do artista com a norma vigente, os críticos possuem duas avaliações no concernente ao estilo: tem estilo porque se adéqua (concepção de Lomonosov) ou tem estilo porque desvia (concepção de Chostakowsky). Os restantes, aqueles que não são primorosos na língua e/ou altamente inventivos nela são excluídos do panteão literário. Dessa forma, nota-se que os critérios são extrínsecos e não intrínsecos aos textos. O que demonstra uma lacuna nesse tipo de crítica literária, posto que a obra em si, bem como os índices de autoria de seu escritor não são considerados.

Observando a necessidade de investigar esse estilo russo com critérios mais consistentes, esse estudo pretende, a partir da análise de um texto literário eslavo,

investigar esse estilo, buscando compreender sua arquitetônica. Para tanto, optou- se por uma análise interdisciplinar, que reúne em seu olhar científico as propostas teórico-metodológicas da crítica formalista russa (EIKHENBUAM et alii; 1978), da análise do discurso de linha francesa (POSSENTI, 2002) e da perspectiva sociocultural de Berman (1983), e como corpus o texto gogoliano A avenida Niévski.

Além disso, salienta-se outra lacuna da crítica literária, que também justifica o intento desse estudo. Críticos, como Nabokov (2009)1, começam seus ensaios descrevendo psicologicamente o perfil do autor do texto em análise – exemplum gratia: "Gógol era un ser extraño, pero el genio es extraño siempre" (NABOKOV, 2009, p.126). O que faz a obra literária, per se, diluir-se no psicologismo ora biografizante, ora dogmático, que o crítico delineia sobre a tinta do escritor, que antes de ser reconhecida pela pena, é apontada pelos traços do rosto de seu escritor ou as ações de suas mãos – estas, por sua vez, em muitos casos, não se circunscrevem ao ato de escrever. Por essa conjuntura, que Tynianov e Jakobson (1978, p.95) dizem que:

Os problemas imediatos da ciência literária e linguística na Rússia necessitam ser postos numa base teórica estável; exigem que abandonemos definitivamente as montagens mecânicas cada vez mais freqüentes que reúnem os procedimentos da nova metodologia e os do velho método estéril, que introduzem hipocritamente o psicologismo ingênuo e outras velharias sob uma nova terminologia.

Portanto, esta análise, não pretende ser um estudo exaustivo das estruturas mínimas ou máximas do texto gogoliano – nem de seu autor-homem –, mas antes compreender no e pelo texto as oscilações de sentido as quais conduzem o leitor ao reconhecimento da identidade do estilo do autor russo, quanto da obra russa. Daí esse ensaio se intitular Gógol: um estilo russo de ser, posto que "um certo estilo não é incompatível com a assunção – necessária – de que o sujeito sempre enuncia de posições historicamente dadas num aparelho discursivo institucionalizado e prévio" (POSSENTI, 2002, p. 115). Desse modo, os objetivos dessa investigação estilística são: (i) investigar a matéria russa que permeia e constitui o estilo gogoliano e (ii) desvelar quais são os principais índices autorais desse estilo perceptíveis na obra em análise.

Como método para esse intento, na primeira parte, estudar-se-á os elementos socioculturais russos que envolvem e permeiam o texto gogoliano, a partir da perspectiva de Berman (1983) – procedimento para responder o objetivo (i). Na segunda, observar-se-ão as unidades textuais da trama narrativa de A Avenida Niévski, perscrutando nesta os índices de autoria, segundo a proposta de Possenti (2002) – esse é o subsídio teórico e metodológico proposto para responder o objetivo (ii).

1. A AVENIDA NIÉSKI: UM MICROCOSMO DA RÚSSIA PETERSBURGUESA

Gógol (1981, p.3) diz que "a Avenida Niévski é a comunicação obrigatória de todos, em Petersburgo". Essa afirmação gogo-

liana torna-se mais clara à luz do estudo de Berman (1983), no qual este autor comenta que essa avenida era um local onde o eixo da modernidade podia se constituir, ou seja, onde o Estado ainda não tinha exercido seu poder de entorpecimento.

Nessa perspectiva sociocultural, compreende-se que Niévski era uma avenida moderna, cosmopolita, vitrine das novidades do mundo moderno. Lá as ideias fluíam e era possível ver discussões de importantes temas. Lá chegavam jóias, roupas e mobílias em suas inúmeras lojas, e com estes as ideias do ocidente e suas polêmicas. Os letreiros eram bilíngues ou escritos somente em francês ou inglês. Enfim, era um refúgio da São Petersburgo de Nicolau II, um local onde todas as classes sociais se reuniam. E será justamente na Niévski o palco de acontecimentos que mudaram processualmente a história russa, pois lá o povo passou a acordar de seu silêncio e a se articular. O poder da palavra volta a dotar os russos. Os ecos do Estado são fracos na Niévski, embora ainda presentes e vigilantes. É nesse lugar limítrofe entre oriente e ocidente que o povo russo reforçou sua consciência de classe e conseguiu efetivamente produzir mudanças, segundo o prisma de Berman (1983).

Devido a essa importância no panorama russo, essa avenida galga posição importante e representação constante na história da literatura russa. Alguns exemplos de obras que têm como tema a vivência do sujeito moderno nas cidades e nas ruas, principalmente na Avenida Niévski, são: O Cavaleiro de Bronze, de Púchkin (1833); A Avenida Niévski, de Gógol (1835) – foco desta análise –; Que fazer?, de Chernyshevski (1863); Memórias do Subsolo, de Fiódor Dostoiévski (1864), dentre outros escritos russos.

Cada uma dessas obras traça um período de São Petersburgo, pontuando o seu momento histórico e trazendo, para seus leitores, os ideais e valores mais íntimos que polemizavam ou convergiam no seio de sua criação, no entanto, formam, juntos, um sistema sincrônico da representação de São Petersburgo, em específico da Avenida Niévski. Isso porque, embora a estética literária não seja imitação da realidade2, ela está intrinsecamente enlaçada ao sistema literário em que se engendrou. Por isso, não se deve confundir a noção de época com a de sistema sincrônico, posto que, como explicam Tynianov e Jakobson, (1978, p.96, grifos nossos):

A noção de sistema sincrônico literário não coincide com a noção ingênua de época, pois é constituído não somente por obras de arte próximas no tempo, mas também por obras atraídas para o sistema e provenientes de literaturas estrangeiras ou de épocas anteriores. Não é suficiente catalogar os fenômenos coexistentes, dando-lhes direitos iguais; o que importa é a sua significação hierárquica para uma época dada.

Assim sendo, depreende-se que A Avenida Niévski, de Gógol não é um elemento isolado, nem estrutura singular e única, mas, antes, unidade de um sistema sincrônico literário que se construiu por meio de fios discursivos que já estavam presentes na sociedade russa. Portanto, aqueles critérios de estilística de adequação ou desvio à norma gramatical ou de língua(gem) são juízos críticos secundários, uma vez que se compreende esse sistema literário como discursos que permeiam, constituem e legiti-

mam o fazer literário.

Com efeito, essa obra de Gógol é russa por excelência, não porque retrata um locus russo, mas porque se insere dentro da trama dos discursos e textos ali presentes. O que se ratifica pelo próprio relato do autor, quando, em uma carta a Púchkin, solicita assunto puramente russo para desenvolver uma comédia:

Numa carta a Pushkin, em 1835, Gogol escreve: “Faça-me o favor de me dar algum assunto seja ele divertido ou não, uma anedota puramente russa... Faça-me este favor, dê-me um assunto, eu lhe farei em três tempos uma comédia em cinco atos, e ela será, juro-lhe, das mais cômicas” (EIKHENBAUM, 1978, p.228, grifo nosso)

Por conseguinte, observa-se que, com esse estudo – embora não exaustivo

–, conseguiu-se apreender que os elementos socioculturais, no caso o significado da Avenida Niévski para o povo russo e seus desdobramentos literários, servem como índices que a obra gogoliana está inserida em um sistema literário constitutivo do contexto sócio-histórico russo.

Verificado esse fato pelos arredores discursivos da obra, buscar-se-ão, no próximo tópico, elementos intrínsecos na estrutura narrativa de A Avenida Niévski que asseverem esse sistema literário. Corroborando, desse modo, com a afirmação dos índices de autoria de um estilo russo de ser, que, complementarmente, são traços de identidade de Gógol e rastros discursivos de seu tempo-espaço.

2. O ESTILO GOGOLIANO: UM MODO DE DIZER RUSSO

Sobre a questão de como resgatar a autoria de um texto, Possenti (2002, p.116, grifo do autor) faz a seguinte proposta:

Trata-se, então de dar alguma objetividade à noção de autoria. A questão é como identificar a presença do autor – como encontrar autoria num texto, como distinguir textos com de textos sem autoria. De alguma forma, é necessário ter em mente o chamado paradigma indiciário (ver Guinzburg, 1986), para evitar a consideração automática de certas marcas como definidoras da presença ou da ausência de autoria. Em outras palavras, as marcas não são mais do que indícios de autoria. Como sempre, trata-se de avaliar os indícios.3

Então, como índices de autoria, sob um ponto de vista discursivo, o estudioso apresentou alguns elementos textuais característicos de um texto com autoria, dos quais se selecionou alguns, a saber: (a) densidade: caracterização mínima de objetos e lugares; (b) vida à personagem: conferir a seus atos um mínimo de motivação, de relação com elementos de cultura, de relação com outros discursos e crenças; (c) relação do texto com outros textos e garantia de historicidade às marcas do texto: fatos que apontam para uma trama textual composta por discursos correntes, que, por sua vez, são apostas do autor na capacidade de leitura de seu enunciatário-leitor; (d) papel do autor: dar voz a outros enunciadores e manter distância em relação ao próprio texto, introduzindo diferentes pontos de vista sem perder o próprio. Considerando a consistência da proposta de Possenti (2002), ressalta-se que esses índices serão os alvos desta análise em busca do estilo gogoliano.

Sobre esses índices, verifiquemos se a estrutura textual de Gógol, em

A Avenida Niévski, demonstra, com densidade e eficiência, que não basta o texto

a) Vida à personagem: se a Avenida é descrita e ganha relevância pelo discurso de seus transeuntes, estes, por sua vez, são distinguidos dos demais por serem presenças daquele locus, mas não somente, posto que, nesse momento, o autor engenhosamente usa dos objetos e dos caracteres físicos desses sujeitos para diferenciá-los dos demais e também, de algum modo, nomeá-los (“os seus pálidos e burocráticos habitantes”; “Não apenas quem tem vinte e cinco anos, majestosos bigodes e uma sobrecasaca admiravelmente confeccionada, mas também aquele, em cuja barba despontam cabelos brancos e cuja cabeça é lisa como uma baixela de prata [...]”).

b) Vida à personagem: se a Avenida é descrita e ganha relevância pelo discurso de seus transeuntes, estes, por sua vez, são distinguidos dos demais por serem presenças daquele locus, mas não somente, posto que, nesse momento, o autor engenhosamente usa dos objetos e dos caracteres físicos desses sujeitos para diferenciá-los dos demais e também, de algum modo, nomeá-los (“os seus pálidos e burocráticos habitantes”; “Não apenas quem tem vinte e cinco anos, majestosos bigodes e uma sobrecasaca admiravelmente confeccionada, mas também aquele, em cuja barba despontam cabelos brancos e cuja cabeça é lisa como uma baixela de prata [...]”).

c) Relação do texto com outros textos e garantia de historicidade às marcas do texto: essa relação é dada pela seleção de fatos que o narrador define como argumento para confirmar a relevância da Avenida. Por exemplo, ele cita que “mesmo que alguém tenha algum assunto importante e indispensável, é só aparecer por lá que todos os assuntos são realmente esquecidos”, isso traz a memória discursiva que aquele espaço é palco de grandes manifestações, sejam as de aspecto interpessoal, sejam as de caráter político. Com isso, o estilo gogoliano vai dialogar com essa memória, dizendo que esses assuntos serão esquecidos, visto a áurea desse célebre local – esse índice corrobora a nossa análise feita no tópico 1.

d) Papel do autor: essa função é desempenhada com aprumo e muita primazia por Gógol que por um procedimento narrativo se aproxima e se afasta durante a narração. Esse efeito pode ser apreendido se recortarmos o parágrafo, delimitando onde se impera mais a voz do narrador (VN) – numa aproximação, efeito de sentido de subjetividade

– e onde se mostra mais evidente a voz de um outro (VO) – num afastamento, efeito de sentido de objetividade. Observe esse jogo de vozes na segmentação abaixo:

Não há nada melhor do que a Avenida Niévski, pelo menos em Petersburgo, onde ela representa tudo [VO].

Mas o que não brilha nesta rua-beleza de nossa capital? Eu sei que os seus pálidos e burocráticos habitantes não trocariam nada deste mundo pela Avenida Niévski [VN].

Não apenas quem tem vinte e cinco anos, majestosos bigodes e uma sobrecasaca admiravelmente confeccionada, mas também aquele, em cuja barba despontam cabelos brancos e cuja cabeça é lisa como uma baixela de prata, sente-se extasiado com a Avenida Niévski [VO].

E as damas! – Oh!, para as damas a Avenida Niévski é ainda mais agradável. E para quem ela não é agradável? [VN]

Basta entrar na Avenida Niévski para sentir um cheiro de passeio. Mesmo que alguém tenha algum assunto importante e indispensável, é só aparecer por lá que todos os assuntos são realmente esquecidos [VO] (GÓGOL, 1981, p.3).

Considerados esses quatro índices, compreende-se que, de forma geral, eles são demonstrativos de uma marca autoral de Gógol, que constitui e legitima o texto e sua autoria. Posto que, o autor russo estende esses recursos para todo o restante da obra. A imagem da Avenida continuará sendo construída por meio de seus transeuntes e esse modo de narrar e descrevê-la reverberará sobre esses sujeitos, que não possuindo, em sua maioria, nomes próprios, serão definidos por caracteres e/ou objetos que levam consigo. A relação entre os outros discursos permanece contribuindo nesse processo, uma vez que será este o recurso responsável pelo efeito de comicidade do texto gogoliano. Isso porque o cômico não é dito e sim pressuposto pelo trocadilho e/ou pela sintaxe do texto, como se apreende no trecho: “E para quem ela não é agradável? Basta entrar na Avenida Niévski para sentir um cheiro de passeio” (GÓGOL, 1981, p.3). A expressão cheiro de passeio é desencadeadora de múltiplos sentidos, como, por exemplo, o sentido de que há um atrativo sinestésico associado aquele local (ênfase no termo cheiro), ou aquele que evidencia a intencionalidade dos frequentadores daquele espaço:

passear (destaque, então, para o termo passeio). Esse entrelaçar de sentidos gera um tom irônico, dentro da trama, o que, em lato sensu, acarreta o efeito humorístico. Além disso, o jogo de vozes orquestrado pelo autor é o que sustenta os outros índices destacados, uma vez que lhes atribui valores e direciona o olhar do leitor, focalizando ou ampliando o escopo de observação dele.

Sendo assim, por meio da análise de quatro índices de autoria, pode-se observar que, segundo os pressupostos sugeridos por Possenti (2002), o autor russo constitui e legitima, com eficiência e consistência, uma autoria e que esta se confirma no e pelo texto. Além disso, depreendeu-se que essa autoria se relaciona com os discursos daquela sociedade – o que ficou patente na manifestação do índice (c) –, confirmando, assim, os traços de um estilo russo de ser, o qual é apresentado por um modo peculiar de dizer – estratégias desenvolvidas na manifestação dos índices (a), (b) e (c).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise de A Avenida Niévski, buscou-se depreender no e pelo texto as oscilações de sentido as quais conduzem o leitor tanto ao reconhecimento da identidade de um autor russo, quanto de uma obra russa. Atribuiu-se, no caso analisado, esse reconhecimento a recorrência de um estilo gogoliano, que remete a um estilo russo de ser. Dessa maneira, objetivou-se: (i) investigar a matéria russa que permeia e constitui o estilo gogoliano e (ii) desvelar quais são os índices autorais principais desse estilo perceptíveis na obra em análise.

Para responder o objetivo (i), este estudo teve como método perscrutar os elementos socioculturais russos que envolvem e permeiam o texto gogoliano, a partir da

perspectiva de Berman (1983). O resultado dessa primeira etapa do estudo foi a compreensão da presença de um sistema literário russo, que não está associado propriamente ao conceito de época, mas antes a uma significação hierárquica de uma época. Daí a importância dada à Avenida Niévski, que constituí um conjunto de significação dentro da sociedade russa, isto é, um rico material simbólico convencionado socialmente.

Dado que contribuiu para a constatação que a obra gogoliana em destaque é russa por essência, não porque retrata um locus russo, mas, sim, porque se encontra inserida na trama dos discursos e textos ali presentes. Fato esse que não contradiz a qualidade literária desse texto, mas, antes, confirma seu empenho e arte por meio da sua distinção entre as outras fontes e referências concomitantes no mesmo período e outras que o sucederam.

Considerando esses arredores discursivos da obra, buscou-se, então, os elementos intrínsecos na estrutura narrativa de A Avenida Niévski que asseverassem esse sistema literário e corroborasse com a afirmação dos índices de autoria de um estilo russo de ser, que, complementarmente, são traços de identidade de Gógol e rastros discursivos de seu tempo-espaço. Para tanto, utilizando-se dos pressupostos de Possenti (2002), realizou-se a análise de quatro índices de autoria em um trecho da obra em questão. O resultado foi que o autor russo constituiu e legitimou, de maneira eficiente e consistente, sua autoria na obra analisada. Além disso, depreendeu-se que essa autoria dialoga com os discursos daquela sociedade – como se verificou na manifestação do índice (c) –, confirmando, assim, os traços de um estilo russo de ser, o qual é construído por um modo peculiar de dizer – estratégias manifestadas nos índices (a), (b) e (d).

Por fim, conclui-se que, embora o foco desse estudo não fosse realizar um exame exaustivo dos elementos estilísticos do autor russo em questão, a análise efetuada pôde, por meio de um olhar analítico, "identificar a recorrência do que é dito, circunscrita a um fato formal, que supõe a constância de uma estrutura" (DISCINI, 2009, p. 7)4. Análise essa que contribuiu para elucidar alguns pontos da estilística de Gógol e demonstrar que, diferentemente do proposto por Buffon, o estilo não é um homem simplesmente, mas pelo menos três unidades significantes e de significação: seja o autor, a obra e o sistema literário; seja o autor, a obra e o leitor. Salientando-se, ainda, que o sistema literário circunda e perpassa tanto o autor, quanto a obra e que o leitor lê, simultaneamente, o autor, a obra e o sistema literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. Petersburgo: O modernismo do Subdesenvolvimento. In: . Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DISCINI, N. O estilo nos textos: Histórias em quadrinhos, mídia, literatura. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

EIKHENBAUM, B. et alii (Orgs.). Teoria da Literatura – Formalistas Russos. Trad. Ana Maria Ribeiro Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1978. P.227-244.

GÓGOL, N. A avenida Niévski. Trad.